

EDITORIAL

ESTAMOS VIVOS!

Natal/RN, 23 de janeiro de 2024.

No ano de 2020, o mundo ficou diante de um de seus maiores desafios e descontroles: *a pandemia pelo coronavírus*. Vírus originado em morcegos e com transmissão por meio de animais intermediários, teve como palco a cidade de Wuhan, província de Hubei, na China, no mês de dezembro de 2019. Nunca, em tão pouco tempo, as vulnerabilidades de todo o globo foram expostas, de forma, tão contundente e tão instantâneas, ao ponto de vivenciarmos incertezas em todos os setores da sociedade, e percebermos que, o desconhecimento desta forma de patologia, fazia parte até mesmo dos principais órgãos da área da saúde que sempre nos nortearam em nossas condutas técnicas.

O primeiro caso fatal data de 11 de janeiro de 2020 e a ocorrência da transmissão da infecção pelo SARS COV2 de pacientes para profissionais de saúde data de 20 de janeiro de 2020. Em maio de 2020 tivemos relatos de 96.000 casos, sendo 80.000 na China. As notícias de pessoas morrendo a cada instante, não só em Wuhan, mas em todos os países do mundo, e mais especialmente, no nosso Brasil, nos isolou, nos desestabilizou, expôs os nossos mais profundos temores e nos fez estarmos diante de nossas próprias impotências na impossibilidade de solução da situação. Não tínhamos medicamentos eficazes, não conhecíamos muito sobre a patologia, os conhecimentos existentes não eram suficientes. Somado a isso, em muitos locais, vítimas foram mais do que vítimas da SARS COV2, ao receberem protocolos medicamentosos sem nenhuma comprovação científica. Ficamos diante do que mais temíamos- a morte a qualquer momento- e perdemos, perdemos praticamente tudo; perdemos milhares de pessoas desconhecidas, mas que faziam parte de alguma família de algum local em algum lugar do mundo. Perdemos amigos, perdemos parentes, perdemos pais, perdemos filhos, perdemos empregos, perdemos a esperança por estarmos sem governança real, sem métodos, sem meios de sobrevivência, perdemos!

Nunca nossa Saúde Pública, embora deficiente, foi tão importante, pois foi ela, materializada no SUS- Sistema único de Saúde, que recebia milhões de brasileiros em seus hospitais, Unidade Básicas de Saúde e afins, por nós- profissionais de saúde, tão incansáveis em nossos atendimentos, na busca de salvação, na esperança de ver a vida se restabelecer, e tão exaustos, exaustos e desesperançados com tantas vidas ceifadas.

Nossos hospitais deficientes de recursos materiais, recursos humanos e que, historicamente, sempre sofreram pela falta de orçamento suficiente, mostraram não mais pacientes sem leito, mas pacientes sem respiradores, sem UTIs, sem profissionais suficientes, sem oxigênio e sem vida. A lembrança do pedido de socorro televisionado a cada instante por pessoas que morreram sem poder respirar por não terem oxigênio somadas ao descaso das principais autoridades, que deveriam ser nossos representantes e nos protegerem, e não tomarem as medidas necessárias e rápidas para minimizarem o terror vivenciado, faz parte da memória de cada um de nós. Sim, choramos! Choramos e tememos, por nossa vida e pela vida de todos, e nunca as incertezas do amanhã se tornaram tão presentes em nossas casas. Exatamente naquele momento foi que nós, brasileiros, percebemos as nossas diferenças com relação ao resto do globo. Foi naquele momento que vimos países com autoridades representativas construindo, em questão de dias, novos hospitais, novos leitos de terapia intensiva, com profissionais de saúde em número razoável sendo contratados imediatamente para tão árduo trabalho. Foi naquele momento que vimos a fragilidade da obediência dos nossos representantes com relação ao que constitucionalmente nos é de direito: *saúde, educação, moradia, trabalho* e, o que nos é mais precioso, *a dignidade da pessoa humana*.

Viver tornou-se um tormento. Isolados, fomos obrigados a ficarmos diante não mais de nossos medos, mas também de nossas infelicidades escondidas na turbulência do dia a dia. Quantas famílias foram desfeitas? Não pela morte física, mas pelo atestado de óbito das relações conjugais. A violência se fez mais presente nos lares; os filhos mais presentes nas instabilidades, a família de diversos locais no mundo sem estrutura para dar continuidade, não só às questões relativas à alimentação, vestimenta e saúde, mas à educação. Nosso país mostrou o quanto o sistema educacional estava aquém, não só no quesito estrutural, mas no alcance das populações. O ensino digital tornou-se

ferramenta de escolha para a continuidade deste processo, mas evidenciou a impossibilidade deste mesmo ensino em diversos lares. Sim, existia o ensino digital; sim, existia o professor, treinado rapidamente nas metodologias ativas e tendo que suprir todo o conteúdo da melhor forma possível na rede; sim, existiam os milhares de lares onde a internet não se fazia presente e se esta existia, não havia notebooks suficientes, tablets suficientes ou celulares suficientes para que todos os filhos conseguissem acessar o conteúdo. Em uma família, tornou-se visível a impossibilidade de atendimento em igualdade para todos.

O impacto educacional da pandemia apresentou duas estradas: a rápida expansão das tecnologias digitais e das metodologias ativas nos diversos setores da educação e a falta do acesso à todas estas tecnologias experienciadas pela população, não só brasileira, mas mundial. Somado a isso, o impacto no setor trabalhista mostrou a necessidade de nos reinventarmos em nossas profissões bem como na possibilidade de exercermos nossas atividades laborais de forma remota, o que, em parte, propiciou novas oportunidades de networking, novas formas de participação em eventos científicos, antes almejados, mas muitas vezes, inalcançáveis, agora, ali na nossa frente, no formato on line. Mas, no contexto trabalhista, a possibilidade de trabalho remoto nos trouxe a incerteza de contratações, de salários condizentes, de estabilidade contratual. Na educação, o cotidiano dos lares influenciou diretamente no aprendizado dos alunos, haja visto que, muitas famílias não tinham sequer uma mesa e uma cadeira para que seu filho ali sentasse e recebesse orientações educacionais. E em meio a essas turbulências, a ciência buscando de todas as formas, a tão sonhada salvação- uma vacina que protegesse o restante da população. Ciência esta colocada em prova todos os dias por vários setores da sociedade, gerando insegurança e incerteza na população e a propagação de fakes News que custaram a vida de muitas pessoas. Com óbitos que chegam a 5,71 milhões em todo o mundo, o Brasil representa 11% (mais de 630 mil mortes) desse número.

Sofremos! Amargamente quando nos deparamos com a incerteza da vida diante dos nossos olhos, a cada dia, a cada instante. O isolamento nos mostrou que, somos seres sociáveis e vivemos sim em bando, nem que o bando não nos conheça, mas gente

precisa de gente e a pandemia nos tirou do nosso convívio social e nos presenteou com atores psíquicos impiedosos: o medo, a depressão, a tristeza e a desesperança. Edgar Morin (2021) expressou toda essa inquietude quando afirmou que “Antes, a gente achava que existia um progresso certo e agora o futuro é uma angústia. Por isso, suportar, enfrentar a incerteza é não naufragar na angústia, saber que é preciso, de certa forma, participar com outro, de algo em comum, porque a única resposta aos que têm a angústia de morrer é o amor e a vida em comum.”

A convivência e aceitação das diferenças entre as pessoas é algo que nos faz tão especiais. Tarefa árdua, mas não impossível. Jonathan Haidt, psicólogo social norte-americano comenta que “Assim como as plantas precisam de sol, água e bom solo para prosperar, as pessoas precisam de amor, trabalho e conexão com algo maior. Vale a pena se esforçar para obter as relações certas entre você e os outros, entre você e seu trabalho, e entre você e algo maior que você. Se você acertar esses relacionamentos, um senso de propósito e significado surgirá.

Estamos vivos! A revista está aqui! A primeira edição da REVISTA AMPLAMENTE reafirma seu compromisso com a ciência do saber. Sejam todos bem-vindos!



Profa. Dra. Eliana Campêlo Lago

<http://lattes.cnpq.br/2913451575350769>

<https://orcid.org/0000-0001-6766-8492>

E-mail: anaileogal@gmail.com

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2022.V1N1>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2022.V1N1-01>